O DISCURSO RELIGIOSO NO ÂMBITO EDUCACIONAL: O DISCURSO DE ÓDIO E A ADEQUAÇÃO DA VERDADE A PARTIR DA TRÍADE DA LIBERTAÇÃO

Jorge Mendes Gonçalves Bento[i]
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-3271-0627
Endereço eletrônico: bentojm@yahoo.com.br

Jossimária de Sá Meira[ii]
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-7580-4310
Endereço eletrônico: bisjossi@gmail.com

Macsuel Santos Araújo[iii]
Universidade do Estado da Bahia, Brumado, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0000-4613-3819
Endereço eletrônico: maxsantos19992020@gmail.com

Palavras chaves: Discurso Religioso; Ensino Religioso; Proselitismo

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo analisar de que modo o discurso fideísta ou a ausência da fé influencia no processo de ensino-aprendizagem, impactado pelos discursos de ódio, que faz adequação da verdade. Para a análise, toma-se como referência de análise a Pedagogia do Oprimido, o Teatro do Oprimido e a Teologia da Libertação. Para tanto, pauta-se na análise do discurso da escola francesa, especificamente de Foucault (2001). A análise está em torno de como comportamentos fascistas acabam limitando a atuação de docentes e discentes nos debates acadêmicos, aproximando-se de discursos de ódio que promovam adequação da verdade.

Assim, é de grande importância analisar o discurso religioso no âmbito educacional, e observar a realidade da diversidade de fés que compõem a comunidade escolar e que

podem ser tocadas pelos discursos religiosos. Por isso, parece ser imprescindível delinear limites da prevalência destes no processo do educacional para que não se transforme em proselitismo. Compreender que há limites entre a liberdade de crença, liberdade de expressão de sua fé, quando essa liberdade entra em colidência com a liberdade de crença do educando. A vivência da fé incompreendida, excluída e repelida pode dar causa a distanciamento ou até mesmo abandono escolar. Igualmente se pode compreender que o proselitismo religioso em sala de aula, bem como a intolerância religiosa tácita ou velada, podendo até mesmo resultar em agressões físicas e feridas psíquicas em casos mais graves.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a confecção deste é pesquisa bibliográfica e exploratória, mediante análise comparativa da obra pesquisada (*Fides et Ratio*) com outros documentos do magistério, bem como o seu enquadramento quanto ao conceito de verdade, elementos constitutivos do discurso. Para tanto, será necessária leitura aprofundada do documento eclesial, de João Paulo II - Fides et Ratio (1998), Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire (1987), Teatro do Oprimido de Boal (1991), Gutiérrez (1986) bem como, fragmentos de Freud (1996), Lacan (1979), Leonardo Boff (2016), Foucault (1979-1980). O método qualitativo, exploratório é, neste contexto, o mais adequado para a tarefa estipulada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Fé e razão, ainda que ressoem como temas pouco atraentes na atualidade, em função aparente decadência da expressão religiosa, bem como, do crescimento da secularização e da ascendência de correntes ideológicas que militam a superação de dogmas religiosos e pressupostos da fé, no Brasil, é cada vez mais imprescindível trazê-los para discussão, porquanto movimentos recentes no tecido social apontam para certa pungência dos seguimentos religiosos, tanto católicos quanto protestantes.

Desta forma, em face da escalada dos embates religiosos, Almeida e Sanches (2017) asseveram que a educação se torna cenário de disputas políticas e ideológicas onde, por exemplo, a aprovação da lei 10.639/2003, por exemplo, é resultado de lutas históricas. Assim, as distorções filosóficas e pedagógicas resultantes das distorções ou tentativa de imposição de um determinado credo, gera efervescências e conflitos importantes que

apontam para uma necessária mudança onde o ateísmo seja prescindindo para permitir o equilíbrio entre fé e razão como conclama João Paulo II na encíclica Fides et Ratio (1998).

O fazer docente deve ser pautado no ethos docente e a *dianoia,* o discurso do docente no âmbito educacional, enquanto "ação em si mesmo" deve ser entremeado da racionalidade própria daquele que reconhece seu papel, de educador e não de pregador, doutrinador de sua fé, em detrimento da experiência de fé dos que estão sob sua pedagogia. Em categorias booleanas, o fideísmo no discurso religioso enquanto ação dentro do ethos docente é para Gutiérrez (1986), ação irrefletida. É o que Boal (1991, p.49) vai chamar de "*hermatia*". O Ethos é caracterizado por Charaudeau e Maingueneau (2014, p.220) por imagem institucional e de detentor de uma posição que o locutor do discurso constrói de si ao discursar com objetivo de influenciar os interlocutores ou alocutores. Isto porque os autores inferem que em todo discurso existe uma distribuição de papeis preestabelecidos que de forma cenográfica imprimem imageticamente a postura a ser tomada.

Ocorre que para Charaudeau (2015) nos atos de fala somos limitados pelas convenções linguísticas, mas ao mesmo tempo somos livres para performar o discurso que gera individualização. Essa individualização entendemos ser duplamente realizada. Pois ao tempo em que individualiza o locutor, individualiza igualmente o interlocutor que mediado pela relação comunicativa impacta significativamente toda a audiência direta e individualmente de forma personalizada. Em Foucault (2013, p.08) o discurso se constitui enquanto prática social que atravessa os sujeitos em constante interação, regidas por regras anônimas e se propagam no tempo espaço e linguística a determinadas a partir das condições de enunciação. Contudo, impera perceber que tais práticas se cruzam e se descontinuam ou se anulam e excluem em função das percepções imagéticas dos locutores e interlocutores e das cargas subjetivas dadas a estes por cada sujeito. Se é verdade o que Kant afirma que tudo o que o indivíduo conhece é fruto de sua consciência e por meio dela se constitui enquanto consciente de seu dever, por isso, o pensamento moral kantiano parte da premissa que o agir do indivíduo se torne válido como lei universal. A Lei 9.475 de junho de 1997 que altera a redação do art. 33 da Lei 9.394/1996 determina em seu artigo primeiro, que o ensino religioso é de matrícula facultativa é parte da formação básica do cidadão, e assegura respeito à diversidade cultural religiosa, enquanto veda peremptoriamente o proselitismo.

O discurso de ódio resulta da construção da ideia que os demais não importam, devendo prevalecer a "verdade" imposta por quem discursa e é fruto do adoecimento social.

Segundo Lacan (1979, p.319) "aí mesmo, a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, e é por isso que o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário." Sobre o tema Boff (2016) diz: "É fato inegável: há muito ódio, raiva, rancor, discriminação e repulsa na sociedade brasileira. Seria de esperar que o amor apaixonado tivesse, há muito tempo atrás, conquistado o ódio ou por ele sido absorvido, causando transformações. Por isso Freud (1976, p. 136), "O amor não conseguiu extinguir o ódio, mas apenas reprimi-lo no inconsciente; e no inconsciente o ódio, protegido do perigo de ser destruído pelas operações do consciente, é capaz de persistir e, até mesmo, de crescer".

CONCLUSÕES

O exercício da liberdade religiosa, quando praticado em sala de aula, precisa ser feito com a certeza de estar em um país pautado pelo princípio da laicidade do Estado. E isso se deve pela necessidade de garantir a diversidade e pluralidade religiosa. Se a proteção estatal garante a diversidade, o fazer docente precisa ser essa certeza. O educador, como bem lembrado por Freire (1987), é antes de tudo um oportunizador de ferramentas para leitura do mundo e da própria vida, numa perspectiva de libertação. O discurso religioso docente precisa abdicar do fideismo para assegurar ampla discussão, que possa desvelar as diferentes formas de crer, como espaço de conhecimento de mundo mais alargado. A defesa efusiva de uma crença em detrimento das demais pode gerar sectarismo, distanciamentos e a depender do discurso empregado, pode contribuir para consolidação de preconceitos e fazer gerar ódios que resultam em violência. Por isso, o tratar de temas religiosos, em sala de aula, requer o máximo cuidado e respeito com a diversidade de credos professados, e mais que isso, com a necessidade de uma abordagem com rigor e posturas verdadeiramente científicas, e compreensão do direito à cidadania de cada sujeito escolar, garantido pelo *ethos* docente.

REFERÊNCIAS

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

BOFF, Leonardo. **A persistência do ódio na sociedade brasileira. GGN - O Jornal de todos os Brasis**: em:5 fev, 2016 0:00 disponível em https://jornalggn.com.br/midia/o-odio-persiste-na-sociedade-brasileira-por-leonardoboff/> Acesso: 25, fev, 2019

BRASIL. **Lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997**. Dá nova redação ao art. 33 da Lei nº 9.394,

de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 jul. 199

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2014.

CHARAUDEAU, P. & MAINGUENEAU, D. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

FREUD, S. (1915). **Reflexões para os tempos de guerra e morte.** Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1987

LACAN J. **Seminário 1:** Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p.314

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação**: perspectivas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

AGRADECIMENTO

Está pesquisa somente foi possível, pois houve um financiamento governamental, motivos pelos quais agradeço à CAPES.

---

[i] Mestrando em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGED-UESB; Bolsista CAPES - UESB; Bacharel em Direito pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Licenciado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC - Campinas; Currículo lattes: https://lattes.cnpq.br/4044164387726099 Agradecimentos à CPES pela Bolsa, que nos permite continuar nosso processo formativo.

[ii] Mestranda em Educação – Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED/UESB; Graduação em Letras Português/Inglês (Faculdade de Tecnologia e Ciências da Bahia, 2010); Especialização em Metodologia do Ensino de Inglês (Faculdade de Conchas, 2019); Especialização em Mídias na Educação (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia); Lattes: http://lattes.cnpq.br/365947 5615917851.

[iii] Graduando em Letras Vernáculas – UNEB *Campus* XX – Brumado; Catequista, Paroquia Bom Jesus – Brumado-BA;BolsistaVoluntário De Iniciação Cientifica – Lattes: https://wwws.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=799F7EB65A5A023E19CFBD467865FABA#